

## NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS (ADS) NÃO HÁ RACISMOS. NAS ADS, PESSOAS NEGRAS (NÃO) TÊM LUGAR!

*In the Assemblies of God (ADs) there are no racism. In ADs, black people (not) have a place!*

**Gedeon Freire de Alencar\***

<https://orcid.org/0000-0002-8419-4791>

Faculdade Unida – Vitória, Brasil

[gedeonalencar@gmail.com](mailto:gedeonalencar@gmail.com)

Recibido: 1-2-2023

Aceptado: 6-4-2023

### RESUMO

As Assembleias de Deus – ADs, segundo o Censo de 2010, as maiores igrejas pentecostais no Brasil, portanto, em tese, as mais implicadas com as questões raciais, pois, a membresia pentecostal é majoritariamente mais pobre e mais preta. As ADs, no entanto, incorporaram as mulheres, mas *não discutiram* os machismos; acolheram os pobres, mas *não questionaram* as estruturas da pobreza. E, por fim, integraram os negros, mas *não contestaram* os racismos? Precisavam? Por que as ADs deveriam ter agido diferente do sistema militar, da estrutura econômica, das demais igrejas e, por fim, da própria sociedade brasileira, se

---

\*Pertencimento - Faculdade Unida - Vitória - ES - Doutor em Ciências da Religião PUC-SP, membro da Comissão de Estudos da Igreja na América Latina e Caribe- CEHILA; Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais - RELEP e do Grupo de Estudos do Protestantismo e do Pentecostalismo - GEPP - PUC-SP.

sempre esse foi o modelo? Ademais, nas ADs não existem *pessoas negras*, existem apenas *pessoas assembleianas*.

PALAVRAS CHAVES: *Assembleias de Deus, pentecostalismos brasileiros, racismos, mudanças sociais.*

#### ABSTRACT

The Assemblies of God - ADs, according to the 2010 Census, the largest Pentecostal churches in Brazil, therefore, in theory, the most involved with racial issues, since the Pentecostal membership is mostly poorer and more black. The ADs, however, incorporated women, but did not discuss machismo; they welcomed the poor but did not question the structures of poverty. And, finally, did they integrate blacks, but did they not challenge racism? Did they? Why should the ADs have acted differently from the military system, the economic structure, other churches and, finally, Brazilian society itself, if this has always been the model? Furthermore, in the ADs there are no black people, there are only assembly members.

KEYWORDS: Assemblies of God, Brazilian Pentecostalism, racism, social changes.

## INTRODUÇÃO

*“A sociedade é um produto do homem e (...)  
o homem é produto da sociedade”.*

Peter Berger, O Dossel Sagrado

Não havia racismos no “meu mundo assembleiano”? Meu pai era branco e minha mãe negra. Casados em 1939, tiveram 12 filhos, dos quais eu fui o 12º, pentecostais pioneiros no Nordeste do Brasil, meu pai era pastor. Família assembleiana, pobre, periférica, minha vida se resumia à família, igreja e escola, e, nesse “meu mundo”, vivi a vida toda junto com negros e brancos, e não vi racismos. Somente na juventude,

quando assisti a um filme americano com igrejas segregadas, percebi o problema. Ademais, no início dos anos 1980 com a abertura política, o movimento da Anistia, fim da Ditadura Militar e a queda da censura na imprensa foi que percebi que o mundo era maior que minha casa, igreja e escola. Então, percebi que, inclusive, no “meu mundo assembleiano” existiam também outras coisas do “outro mundo”. E ambos não eram muito diferentes, eram reproduções.

Estou me devendo esse texto há anos. Meu projeto de mestrado tinha como objeto de pesquisa: *Pentecostalismo e Racismos*. Na primeira conversa com o orientador, ele me desestimulou. Não havia tempo e bibliografia suficiente. Ademais, não era fluente em inglês, inexperiente em pesquisa, intimidado diante do orientador (que poucos meses depois saiu do programa), desistir e fiquei três semestres, literalmente, desorientado, sem saber o que fazer. Estimulado por um amigo, terminei focando numa pesquisa histórica sobre a denominação da qual era membro – Assembleias de Deus (ADs), pesquisa que se desdobrou até meu doutorado. E, ao estudar a história das ADs tanto no Brasil como nos demais países, percebi na teoria e na prática o quanto a discussão do tema era necessária.

IMAGEM 01: Liderança nacional na primeira Convenção das ADs no Brasil, Natal – RN.



Fonte: Jornal Mensageiro da Paz, Nº 1, ano 1, dezembro de 1930, p. 4<sup>1</sup>.

Essa foto icônica, de setembro de 1930, tem 35 pessoas. Dentre as quais, 12 são suecas (10 homens e duas mulheres), e 23 são brasileiras. Alguns dos brasileiros são negros. Então, pela data da foto e a idade que aparentam ter, eles foram filhos de escravizados ou pessoas diretamente escravizadas<sup>2</sup>, mas agora estão todos de paletó e gravata – roupa de doutor – na porta do templo das Assembleias de Deus em Natal-RN. Essa é a foto oficial da liderança nacional na primeira Convenção das ADs no Brasil, portanto, onde negros (brasileiros) e mulheres (suecas) participam de forma aparentemente paritária. Então,

---

<sup>1</sup> Essa foto no Jornal MP também foi reproduzida na capa do livro sueco “Det började i Pará. Svensk Pingstmission in Brasilien, autor Ivan Vingren, em 1997.

<sup>2</sup> A Lei Aurea foi assinada em 13 de maio de 1888, essa lei, oficialmente, proibiu o tráfico de pessoas no Brasil.

temos o seguinte: as ADs incorporaram as mulheres, mas *não discutiram* os machismos; acolheram os pobres, mas *não questionaram* as estruturas da pobreza. E, por fim, integraram os negros, mas *não contestaram* os racismos? Precisavam?

Vou reduzir minha análise às ADs, pois além de ser meu objeto de estudo pessoal (Alencar, 2010; 2013). No início do século XX, doze anos depois da Lei Áurea (1888), a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) havia perdido o posto de religião oficial, mas o poder e a hegemonia da época do Império ainda permaneceram<sup>3</sup>, e a presença de denominações protestantes, como os anglicanos, luteranos, presbiterianos, metodistas e batistas era minoritária<sup>4</sup>. Tanto a ICAR como as denominações protestantes de origens europeias e estadunidenses não questionavam a escravatura, ao contrário, a apoiavam<sup>5</sup>. Registre-se que, em ambos os grupos, haviam figuras dissonantes da prática institucional. Sem considerar os protopentecostanismos presentes no Brasil e no mundo, os pentecostanismos oficialmente surgem em 1910, com a Congregação Cristã no Brasil (CCB); em 1911, as Assembleias de Deus; e, em 1912, surge a Igreja Batista Independente. Portanto, se as igrejas pentecostais não estiveram envolvidas na *legitimação* da escravização, tampouco

---

<sup>3</sup> O padroado sistema onde a ICAR era financiada pelo Estado e o Imperador indicava os bispos, oficialmente, tinha cessado, mas o templo católico na Esplanada dos Ministérios em Brasília, mostra sua importância ainda hoje.

<sup>4</sup> Protestantes no Brasil existem desde o início do sec. XVI os franceses huguenotes e, no sec. VII, os holandeses, que a historiografia registra com o “Invasão Francesa” “Invasão Holandesa”. Oficialmente, portanto, somente no sec. XVIII, com a vinda da família chegam os ingleses anglicanos e posteriormente todas as demais denominações herdeiras da Reforma Protestante. O censo de 1900 indica que 98% da população era católica e 1,1% evangélicos; em 1950, 93,5% ainda é católica e apenas 3,3% evangélica. O crescimento evangélico somente vai acontecer nas últimas três décadas. Segundo o Censo de 2010, 64,6% eram católicos e 22,1% evangélicos. O *DataFolha* já registra 30% de evangélicos na atualidade.

<sup>5</sup> Há muitas pesquisas sobre o tema e a ICAR, no mundo protestante no Brasil o assunto teve pouca atenção, mas nos últimos anos o tema tornou-se obrigatório.

estiveram presentes nas lutas por *libertação*, como ocorreu nos EUA e em outros países<sup>6</sup>. Então, como agiram os pentecostalismos?

No séc. XIX já existiam igrejas pentecostais, mas o movimento é essencialmente um fenômeno urbano do século XX. A ICAR e algumas denominações protestantes eram “igrejas do Estado” na Europa e na AL. O *denominacionalismo protestante* autônomo e sectarizado foi uma das marcas da expansão nos EUA, que transbordou para outros países (Niebuhr, 1992). No Brasil, escravizados ou descendentes eram católicos ou protestantes, porque seus senhores eram<sup>7</sup>. Assim, os pentecostalismos, herdeiros das “igrejas livres” (grupos sectários não membros das igrejas estatais), levam às últimas consequências a decisão pessoal, autônoma do indivíduo na escolha<sup>8</sup>. Ou ainda mais grave, na mudança de religião no século XX, que se iniciou com um bilhão de pessoas e terminou com mais de 6 bilhões. Então, absolutamente ajudados pela urbanização, migração e explosão populacional, os pentecostalismos, agora no séc. XXI, são estimados em mais de 500 milhões de adeptos afetando os campos católicos, ortodoxo e, mais ainda, o protestante (Anderson, 2019).

---

<sup>6</sup> Há muitas diferenças entre a atuação dos grupos pentecostais nos EUA, e ainda mais África, tanto na legitimação da escravatura quanto na luta antirracista (Paiva, 2003; Synan, 2014; Anderson, 2019; Chaves, 2020; Joao & Macuva, 2020).

<sup>7</sup> Bastide (1960, p. 494-495), indica duas razões da conversão dos negros ao protestantismo: eles eram incorporados na vida doméstica das famílias, e eram aceitos nas escolas protestantes.

<sup>8</sup> “Pertencer à congregação local constitui o primeiro nível de consciência religiosa do indivíduo, pertencer à Igreja nacional ou mundial é coisa que raramente o preocupa” (Mendonça, 1990, p. 267). O batismo infantil sacramentado pelas Igrejas estatais é o mais exemplar contraste de igrejas majoritariamente pentecostais que batizam apenas adultos, por escolha própria e autônoma deles.

## O PROTO “PENTECOSTALISMO DA LIBERTAÇÃO” e a OBJEÇÃO DA EXPERIÊNCIA DOS POBRES

Agostinho Pereira, um negro alfaiate, foi preso em 1846, em Recife, com uma Bíblia que tinha os textos que falavam de libertação grafados. Além disso, sua esposa e seus estimados 300 seguidores, negros forros e alfabetizados, estavam de posse de um livreto chamado ABC, que dentre outros temas, falava da Revolta do Haiti (Carvalho, 2004; Galvão, 2017). No inquérito policial, tanto ele como uma mulher conhecida como Madalena justificaram suas leituras bíblicas a partir de uma “revelação divina”. O grupo formou a *Igreja do Divino Mestre*, apelido que Agostinho recebeu de seus seguidores, que interpretavam a Bíblia com personagens negros, e que inclusive acreditavam que Jesus, como disse Madalena em seu depoimento, era “acablocado”. Como um dos versos diz (Carvalho, 2004, p. 333):

São tão certas as experiências

Que nos dá a entender

Que dos morenos

Foi que Cristo quis nascer

A polícia, na época, tinha dúvidas se seria apenas um grupo religioso místico ou um projeto político revolucionário.<sup>9</sup> Na dúvida, Agostinho foi preso e o grupo disperso. Mesmo sendo apenas um grupo de leitura bíblica, com indícios de protopentecostalismo de revelação mística, proposta de autonomia individual e livre interpretação bíblica –

---

<sup>9</sup> A *Revolução Haitiana* – 1791-1804, *Confederação do Equador* em 1824, e a *Revolta dos Malês* em 1835 eram sinais políticos revolucionários dos nativos e povos escravizados. A *Guerra de Secessão* (1861-1865), foi antecipada dentro das denominações protestantes nos EUA. “Todas as denominações (nos EUA) se dividiram por causa da questão: os metodistas em 1844, os batistas em 1845, os presbiterianos em 1861 e os episcopais entre 1861-65” (Reily, 1993, p. 38). John Wesley (1703-1791), fundador do movimento metodista, já tinha se pronunciado contra a escravidão, idem os Quakers desde o séc. XVII (Hill, 1987). Em 1831, Nat Turner, um pastor negro, apelidado de “O Profeta”, liderou uma revolta nos EUA (Lucas, 2021, p. 53).

algo fundamental para mentalidade protestante<sup>10</sup>, era perigosa tanto para o Estado como para a ICAR. O movimento de Canudos (católico) e os Muckers (protestante) tinham características similares: lideranças carismáticas, baseadas em revelação, místicos e, mesmo sendo em tese exclusivamente religiosos, tiveram uma resposta violenta do Estado<sup>11</sup>.

Se a *Igreja do Divino Mestre*, com negros alfabetizados fazendo uma leitura bíblica com ênfase na libertação, tivesse progredido e atingido outros lugares, poderia ter nascido no Brasil um “pentecostalismo da libertação”? Anacronismos à parte, os seguidores de Agostinho Pereira poderiam até sonhar com esse projeto, mas teólogos e teologias oficiais jamais aceitariam. A teologia estadunidense e europeia, tanto católica como protestante, eram – e ainda são – dogmáticas, positivistas e herdeiras do racionalismo; não aceitaram e ainda não aceitam uma teologia empírica nascida da experiência de gente pobre, semiletrada e preta. No ambiente católico, apesar do avanço da sinodalidade no pós Vaticano II, é explícito a oficialidade da palavra do Magistério. No ambiente protestante, a situação é confusa e hipocritamente tratada: é incentivada a leitura bíblica, mas não a livre interpretação. Essa foi, dentre outras questões, a razão da perseguição da prática da leitura bíblica popular das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) (Burdick, 1998), e da eterna suspeição da experiência pentecostal (Alencar, 2018)<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> “A tradução da Bíblia para o inglês tornou-a acessível a grupos sociais novos e mais amplos, incluindo artesãos e mulheres” (Hill, 2003, p. 25), lembra que essa foi uma das principais características da Reforma Protestante.

<sup>11</sup> O Estado tem o “monopólio do uso legítimo da violência” (Weber, 2002, p. 56). Canudos e Muckers, dentre outros movimentos, eram apenas uma questão religiosa? A *Enciclopédia Negra* (Schwarcz, 2021, p. 162-163), registra a ênfase de Agostinho na leitura bíblica e na pessoa “acaboclada” de Jesus, mas diferente da importância da religiosidade afro ou católica dos demais personagens, remete apenas a questão política e não indica nenhum resquício protestante, muito menos protopentecostal.

<sup>12</sup> O texto de André Anéas (2020), *Diálogos sobre a experiência de Deus*, tematiza essa questão em diferentes áreas – diálogo ecumênico, mística judaica, cristologia, música, psicologia e teologias latinas, mas me reporto especificamente ao capítulo do Kenner Terra “Racionalidade, experiência e hermenêutica pentecostal”, e ao meu texto “*Experiência Pentecostal: uma*



Mesmo com muitas ressalvas às comparações entre o fenômeno nos EUA e no Brasil, vale lembrar de uma figura central no início do século XX, William Seymour (1870-1922). Filho escravo, cego de um olho, figura carismática, iniciou em 1906 a *Missão da Fé Apostólica*, na famosa Azusa Street, em Los Angeles<sup>13</sup>. A pregação de Seymour, expresso em seus textos como lema fundante, era “*A linha do sangue superou a linha da cor*”. Isso implicava dizer que a morte vicária de Jesus era válida e acessível a todas as pessoas<sup>14</sup>, transcendia as raças, assim, propunha um sonho de “harmonia racial”<sup>15</sup> (Espinosa, 2014; Alencar & Fajardo, 2016). Pode parecer ingênuo, mas dentro do contexto da época – Leis Jim Crow, não somente na cidade de Los Angeles, mas no país inteiro, era uma utopia tão absurda quanto a proposta de Agostinho algumas décadas antes. Conquanto os Quakers já pregassem igualdade de gênero – homens e mulheres podiam em paridade receber a revelação divina – e escreviam manifestos contra a escravatura desde o século XVII (Hill, 2003). Ou seja, se os pentecostais brasileiros tivessem tido alguma relação com os ideais Quakers, teríamos outro tipo – melhor ou pior é mera especulação – como aconteceu nos EUA e na Europa? (Paiva, 2003).

---

*experiência subalterna tem legitimidade?* (Alencar, 2020).

<sup>13</sup> O movimento em Azusa foi um dos pontos centrais, mas único e primeiro. Antes, durante e depois, muitos outros movimentos aconteceram tão importantes quanto, mas sem a visibilidade e documentação histórica da Azusa (Anderson, 2019).

<sup>14</sup> A soteriologia pentecostal é herdeira da tradição armianista wesleyana e ensina que a salvação é para todos os que aceitarem; portanto, todos indistintamente podem aceitar ou rejeitar. “A exaltação calvinista do designio inexorável de Deus, o qual desde toda a eternidade elegeu alguns homens para a salvação e relegou a maior parte a um destino no inferno” (Berger, 1985, p. 87).

<sup>15</sup> “A posição inter-racial da Rua Azusa era uma admirável exceção ao racismo e à segregação da época. O fenômeno que reunia brancos e negros para a adoração sob a liderança de um pastor negro parecia inacreditável para quem estava de fora” (Synan, 2009, p. 19).

Harvey Cox, no prefácio que escreveu para o livro de Espinosa, faz um paralelo histórico entre o Apóstolo Paulo, Lutero e Seymour, como figuras que revolucionaram o cristianismo, mas pergunta:

William Joseph Seymour pertence a esta galeria de gigantes espirituais e transformadores do mundo? Acho que a resposta é sim (...) Passeie pelos corredores de qualquer biblioteca e você encontrará prateleiras inteiras, muitas vezes seções inteiras, dedicadas a São Paulo e Martinho Lutero. É assim deveria ser, mas o descaso total sobre Seymour é difícil de explicar. É doloroso pensar que tal desrespeito pode resultar, pelo menos em parte, do racismo. Será que um negro caolho, filho de ex-escravos, com nenhuma educação formal realmente pertence a este panteão cristão? (Cox, 2014, p. 12).

Lutero, homem, branco, alemão, doutor em teologia e protegido por nobres, diante da Dieta de Worms, em 1521, proferiu sua famosa frase de que não devia obediência a Igreja ou a tradição, mas apenas a sua compreensão subjetiva experiencial da leitura da Bíblia – *sola scriptura* (Febvre, 2012). No seu interrogatório, Agostinho repetiu o mesmo argumento: preferia a obediência a Jesus, a partir de sua leitura bíblica. A lógica de ambos era a mesma, a diferença era cor, a titulação, a época e quem lhe dava sustentação política. Agostinho foi preso ou deportado e nem registro oficial temos de seu fim. Lutero foi levado para o Castelo de Warturb, onde inclusive fez a tradução da Bíblia. Agostinho era chamado pelos jornais na época de “Lutero Negro”. Não sabemos se ele tinha essa pretensão, mas sabemos que entre um “Lutero Negro” e um “Lutero Branco” há um abismo<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> No atual governo, um secretário de Cultura fez um vídeo com insinuações nazistas e resistiu poucas horas no cargo. Um outro secretário de Cultura debocha de um artista negro, e não tem nenhuma punição. Ora, se o próprio presidente já debochou dos quilombos numa reunião e foi aplaudido e não teve punição, então, discriminar judeus não pode - concordo absolutamente-, mas quilombolas, sim?

## O PENTECOSTALISMO CLÁSSICO<sup>17</sup>: CCB E ADS

É difícil analisar a história da CCB porque essa denominação não tem registro histórico<sup>18</sup>. Portanto, tudo é análise externa. A CCB não se envolveu na questão racial porque tinha dois “impedimentos”: um político, outro teológico. Não nativos, em qualquer época ou lugar, não são as pessoas mais indicadas para efetuar mudanças políticas locais<sup>19</sup>. Ademais, migrantes italianos (e pobres) eram parte do projeto de “embranquecimento” da população brasileira, efetivado desde o Império. Como calvinistas, creem no “desígnio inexorável divino”, onisciência e soberania, portanto, para eles, tudo acontece por vontade e controle divino – inclusive a colonização e escravização, por isso, mesmo ainda recentemente, a Igreja Reformada dava apoio ao sistema do *apartheid* na África do Sul. A outra vertente pentecostal, a Igreja Batista Independente, tem também origem sueca e se manteve ligada a essa origem missionária e com pequeno crescimento no Brasil, portanto, se manteve como um grupo étnico (Valério, 2020).

Então, podemos indicar as ADs – a maior denominação pentecostal brasileira, com mais de 12 milhões de membros (Censo 2010)<sup>20</sup> – como espaço de enfrentamento ou legitimação dos racismos? Sim, nas ADs negros e negras têm oportunidade de cantar, pregar, ensinar, dirigir corais, conjuntos musicais e participar como

---

<sup>17</sup> “Pentecostalismo Clássico” é uma designação cronológica aceita historicamente por ser a primeira expressão de pentecostalismo no Brasil (MENDONÇA, 2002).

<sup>18</sup> Publica apenas um relatório anual com os dados das construções de templos e um hinário – *Hinos de Louvores e Súplicas a Deus*, mas nenhum outro documento histórico ou teológico.

<sup>19</sup> Concordando ou não com essa posição “apolítica”, era a justificativa dos missionários em não se envolverem com os problemas políticos no Império. Crabtree dizia: “O Brasil, como nos EUA, tem escravizados e os missionários enviados pela Convenção Batista do Sul não podiam se sentir constrangidos a combater a escravatura e assim envolver-se na política do país” (1962, p. 22).

<sup>20</sup> E também a maior denominação pentecostal do mundo, segundo estimativas com 60 milhões de membros no mundo. Para mais, ver <http://worldagfellowship.obr> e <https://www.pewforum.org/2006/10/05/spirit-and-power/>.

protagonistas nos “ministérios orgânicos”<sup>21</sup>. Homens negros podem até assumir o pastorado nas pequenas e pobres igrejas periféricas, mas também pastores negros já foram presidentes de Convenções Estaduais e até da *Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB)*<sup>22</sup>. Não sofreram, como nas ADs nos EUA, nenhuma segregação<sup>23</sup>. Essa é apenas uma parte da história. A questão central é: *nas ADs no Brasil não existem negros e negras, existem apenas assembleianos/as*. Não existe a identidade racial, apenas a *identidade espiritual*. Raça, classe e gênero não existem como afirmações, mas existem como negações. A negação é proporcional ao tamanho do problema, portanto, não visto, não falado, não enfrentado. Nada muito diferente do que sempre aconteceu no Brasil. Por isso mesmo penso que as ADs são as igrejas mais *abrasileiradas* que existem; por isso mesmo cresceu e se tornou a maior denominação pentecostal brasileira.

---

<sup>21</sup> Elaborei uma tipologia tripla: *ministérios orgânicos* são as atividades eclesiásticas onde todas as pessoas participam; *ministérios estamentais* são atividades eclesiásticas burocráticas e classistas além das titulações já implica na questão de gênero, pois é acessível apenas aos homens; *Ministérios Corporativos* (com letras maiúsculas) são delimitações geográficas de aglomerados de igrejas ligadas a uma igreja sede com um pastor presidente e uma Convenção própria (Alencar, 2018, pp. 106-107).

<sup>22</sup> Joao Alves Corrêa (1914-2007) e Alípio dos Silva (1909-1982), foram presidentes da CGADB, respectivamente em 1968 e 1971. Outros presidentes poderiam ser considerados morenos ou pardos. Essa não é a única convenção, há oficialmente, mais duas de abrangência nacional, além de muitos outros Ministérios (nota 21) com convenções regionais no país e com igrejas até mesmo no exterior.

<sup>23</sup> As ADs nos EUA, fundadas em 1914, são como qualquer outro grupo social em qualquer lugar do mundo, fruto de seu tempo. Inicialmente são igrejas brancas que se pentecostalizaram, e, assim, nasce um “*pentecostalism white*” para se diferenciar do “*pentecostalism black*” da *Igreja de Deus em Cristo* (1887). Oficialmente, assumem uma posição antirracista em 1994, no chamado *Milagre de Memphis*, quando há uma reconciliação entre os grupos “white” & “black” (Alencar, 2018). Registre-se que na década de 60, o superintendente, T. Zimmerman (1912-1991), tentou uma aproximação com o movimento dos Direitos Civis e efetuar a consagração pastoral de negros, mas com poucos resultados (Burgess, 1990; Syman, 2009).

Já em 1913, apesar da liderança sueca nos primeiros anos, as ADs já tinham quatro pastores brasileiros, e, diferentes das demais igrejas protestantes, elas não tinham vínculos e financiamentos estrangeiros. Assim, se espalharam pelo país por causa da migração interna causada pela a crise da borracha ou pelas secas no Nordeste. São formadas, crescidas e dirigidas por nativos. Dessa forma, são o que chamo de *Matriz Pentecostal Brasileira* (Alencar, 2018, p. 17).

A Assembleia de Deus no Brasil é brasileira? *Brasileiríssima*. Ela pode não ser “a cara” do Brasil, mas é um retrato fiel dele – e um dos principais! É uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira. Como o Brasil, é moderna, mas conservadora; presente, mas invisível; imensa, mas insignificante; única, mas diversificada; plural, mas sectária; rica, mas injusta; passiva, mas festiva; feminina, mas machista; urbana, mas periférica; mística, mas secular; carismática, mas racionalizada; fenomenológica, mas burocrática; comunitária, mas hierarquizada; barulhenta, mas calada; omissa, mas vibrante; sofredora, mas feliz. É brasileira.

## ESPAÇO ESPIRITUAL & ESPAÇO DE SOLIDARIEDADE = DISTINÇÃO

*“De fato, nada mais falso do que acreditar que as ações simbólicas (ou o aspecto simbólico das ações) nada significam além delas mesmas: na verdade, elas exprimem sempre a posição social segundo uma lógica que é a mesma da estrutura social, a lógica da distinção”*

*BOURDIEU, 1999;17.*

Sim, a foto de 1930 é simbólica, mas não tem apenas simbolismo: ela exprime a legitimidade da distinção. Não é coincidência que os homens suecos estejam no centro, as duas mulheres suecas quase escondidas atrás deles; os homens brasileiros um degrau abaixo, e na foto, não existam mulheres/negras brasileiras – “alguns mais iguais que outros?”. Roupas, lugar, posição e linguagem são símbolos de *distinção*. É fácil identificar pessoas assembleianas, basta abrirem a boca; têm uma linguagem distinta do povo onde vive.

Não dizem palavrão, não remetem à linguagem religiosa do catolicismo: “*Nossa Senhora, Ave Maria!*”. Em seu linguajar vai aparecer palavras como “misericórdia”, “benção”. Assembleianos/as dizem “bom dia, boa tarde, boa noite” para o mundo externo, mas internamente há uma *excepcionalidade assembleiana brasileira* que inexistente, aliás, em outras ADs no mundo: “*A paz do Senhor!*” é a sua maior distinção social. Na CCB se cumprimentam com: “*A paz de Deus*”. No vestuário, há o estereótipo no visível recato das mulheres e, para os homens, no paletó e gravata. Comportamento exemplar na família, igreja, trabalho e na sociedade – parece até branco!

Esse cristão redivivo teria, com isso, uma fala controlada e moldada pelos critérios do Deus branco, um andar adequado, roupas adequadas a um cristão. Ele deveria falar como branco, comer como branco e era devolvido para a sociedade como alguém que era um exemplo de cristão e que outros deveriam seguir (Lucas, 2021, p. 133).

A “Carta de Recomendação” surgiu ainda na década de 20 (séc. XX). Famílias ou pessoas assembleianas que viajassem de uma cidade para outra, ou ainda mais de mudança, tinham (na atualidade ainda funciona com menor força) que levar uma para apresentar na igreja do destino. Segundo o anúncio no jornal *Boa Semente* (1919-1930), “[a carta de recomendação] tem por objetivo por fim evitar que pessoas fingidas se introduzam, como crentes, entre as igrejas” (grafia original)<sup>24</sup>. Elemento central na coesão do grupo, fortalecimento de vínculos e solidificação interna, foi fundamental para nordestinos migrantes chegando no Sudeste, pois eram acolhidos, hospedados, indicados para empregos. E, com a proibição de casamentos exógenos, a “família assembleiana” ou a “irmandade da congregação” (na CCB ainda mais forte, pois era uma igreja étnica) de dois grupos pequenos se tornaram as duas maiores denominações pentecostais no Brasil.

Peter Fry (1975), no início da década de 1970, escreveu um texto com o título: *Duas respostas à aflição. Umbanda e Pentecostalismo*. Ainda que ambos os grupos tenham tido inúmeras mudanças, o texto continua válido, pois a aflição continua – ou aumentou –, e essas expressões religiosas permanecem dando respostas. O pentecostalismo

---

<sup>24</sup> Jornal Boa Semente - Pará-Belém - Dezembro de 1923, Ano V, Nº 31, p. 4.

respondeu melhor? Se a resposta for apenas quantitativa, sim, mas os fenômenos sociais, ainda mais religiosos, são muito mais complexos que esse simplismo numérico.

As *demandas de legitimação* e *demandas de compensação* (Bourdieu, 1999, p. 87) são conceitos que nos ajudam a entender o fenômeno. A primeira é requerida pelos ricos; a segunda pelos pobres. Como já elaborei em outro texto (Alencar, 2017) a tipologia do *pppp - pobres, pretos, periféricos e pentecostais*, recebeu da sociedade prisão, perseguição, deboche, mas que importa a opinião do mundo?

A verdadeira função da religião não é fazer-nos pensar, enriquecer nosso conhecimento, acrescentar às representações que devemos à ciência representações de outra origem e de outro caráter, mas a de fazer-nos agir, **auxiliar-nos a viver**. O fiel que se comunicou com seu deus não é apenas um homem que vê novas verdades que o descrente ignora; **ele é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las** (Durkheim, 1983, p. 222, grifo meu).

O “mundo jaz no maligno”, frase muito repetida ainda hoje no ambiente assembleiano; o que importa mesmo é a morada celestial e a legitimidade interna na igreja. O mundo material, a vida mundana nada vale, o que vale é vida espiritual; aquela está contaminada pelo pecado e vai terminar, a vida espiritual é eterna.

## “VIDA, VIDA ETERNA”

É o discurso do *Peregrino*. Não é a fala de um pentecostal assembleiano, mas de um pietista alemão, pois é um texto de 1678, de John Bunyan (1628-1688). Weber, analisando esse livro diz “o estado de espírito do crente puritano que no fundo só se ocupa consigo mesmo e só pensa na sua própria salvação” (2004, p. 97-98), depois de uma experiência espiritual, quando descobre estar vivendo na “cidade da perdição”. Assim, ele abandona sua mulher e filhos, pois agora sua “nova família” são os peregrinos, iguais a eles, que estão “movidos pela

mesma emoção” (Ibidem, p. 98). O hino 204 da *Harpa Crista*, hinário oficial das ADs, traduz isso na poesia abaixo<sup>25</sup>.

Sou peregrino na terra,  
E longe estou do meu lar,  
Minha alma anelante espera  
Que Cristo a venha a buscar  
Aqui só há descrença  
As lutas não têm fim  
Mas de Jesus, a presença  
Glória será para mim!

## ALIENAÇÃO OU UTOPIA?

É fácil, cem anos depois, taxar essa postura de alienação, mas qual ou quais outras possibilidades esse grupo *pppp* teria ou teve? Ainda hoje a membresia pentecostal é majoritariamente mais pobre e com baixa escolaridade<sup>26</sup>. Como essas ou outras camadas sociais poderiam ter agido diferente? As mulheres, por exemplo, somente entram no processo eleitoral na década de 30, e quase cem anos depois a representatividade delas ainda é pequena. Quantas pessoas negras tinham acesso à universidade – para falar apenas em escolaridade – nas primeiras décadas do século XX no Brasil? Essas pessoas eram *acomodadas* a sua condição, tinham outras possibilidades de lutas e mesmo assim ficaram quietas por escolha própria?

Ademais, qual ou quais outros grupos sociais, ricos, intelectualizados, com acesso ao poder, como as elites econômicas e intelectuais que no início do século agiram bem diferente do mundo pentecostal? A classe jurídica, política e artística? Ainda hoje a presença de pessoas negras nesses espaços é pequena. Então, antes de fazermos mais uma acusação contra as pessoas negras, ou mais ainda contra as

---

<sup>25</sup> É uma herança petista alemã, mas não consta nos hinários batista, presbiteriano, metodista ou adventista.

<sup>26</sup> Com raras exceções em alguns países os pentecostais estão em classes altas. Por exemplo, na Índia desde as primeiras décadas de sua inserção, alcança e tem maior adesão entre os *dalits* – os párias (Burgess, 1990; Anderson, 2019; Ya, 2021).



*pppp*, devemos perceber que essa postura de *negação do mundo*, também foi uma opção de *negação desse mundo*. Já que esse mundo não dá opção de participar, elas também se negam a participar dele, e constroem uma *alternativa utópica*<sup>27</sup>. Um mundo ideal, um mundo com perspectiva escatológica: nesse outro mundo ideal, celestial, onde creem que irão viver, já deve ser antecipado na comunidade local<sup>28</sup>.

A escatologia pentecostal *pré-milenista* é uma teologia *politizada*. Igualitarismo, reino milenial, eternidade, igualdade, e absoluta superação do sofrimento. Há uma *teodiceia do sofrimento* (Weber, 1998, p. 350-355) explícita: aqui não há opção, (é necessário lembrar que esse era o contexto das duas grandes guerras), mas há salvação. E a salvação está em sair desse mundo, porque esse mundo está perdido, o mal está vigorando, mas no final – não o final de fim, mas final de finalidade – há redenção. E, no caso, os *pppp* têm certeza de a terem encontrado. Isso é apenas alienação ou uma projeção utópica? Essa crença na utopia escatológica é uma construção de sentido<sup>29</sup>.

Para além de uma questão meramente teológica, temos uma questão social importante. Os pentecostais estão juntos com europeus brancos. O ganho social que um/a nordestino/a pobre e preto tem ao se aliar, ou ter como liderança, um estrangeiro europeu branco, que anda com uma cópia da Constituição na mão, na hora da perseguição do Estado (política), da ICAR e dos demais grupos protestantes, é infinitamente mais poderoso e eficaz. Grupos afro na mesma periferia, espaços religiosos afro também foram espaços de perseguição do Estado e demais expressões religiosas, mas pessoas e espaços religiosos das

---

<sup>27</sup> Impossível não lembrar de um texto poético de Marx: “A miséria religiosa é, de um lado, a expressão da miséria real e, de outro, o *protesto contra ela*” (grifo meu). Afinal, a religião é apenas “opio” ou também “protesto”?

<sup>28</sup> “O desejo de participação no reino messiânico leva à intensificação das atividades religiosas das uma enorme excitação religiosa quando aparece iminente o advento do reino divino nesse mundo” (Weber, 1998, p. 353).

<sup>29</sup> “O complexo messiânico-milenarista postula uma teodiceia porque relativiza o sofrimento ou a injustiça do presente em termos de serem vencidos num futuro glorioso” (Berger, 1985, p. 81).

matrizes africanas não tinham nenhuma ligação estrangeira ou figuras brancas para lhes defender.

São muitos os registros nos jornais e nos livros dos suecos onde eles falam das prisões, apedrejamentos e xingamentos nas ruas, casas e templos (discriminação que os suecos já conheciam nas suas origens marginais, pois membros das “igrejas livres”, minoritários, diante de uma igreja estatal – Luterana – e majoritária), mas nos mesmos registros, conquanto haja sempre um recurso de apelação do milagre divino de salvamento da perseguição, eles também registram que, ao serem identificados como estrangeiros, e ao mostrarem a Constituição nas Delegacias, eram soltos. E na década de 30, ainda tiveram a boa vontade do presidente Getúlio<sup>30</sup>, como Vingren registra em seu diário. Qual terreiro ou líder afro teve algo parecido?

Getúlio conservou sempre boas relações com os pentecostais e ajudou esse movimento de todas as maneiras possíveis. Vários parentes do presidente eram crentes pentecostais, e um deles é ainda pregador do Evangelho no Rio Grande do Sul (...) O Senhor nos guardou durante a revolução (contexto é o ano de 1930) e podemos continuar a trabalhar com a mesma liberdade de antes (VINGREN, 2017, p. 162).

Eram perseguidos nas casas, ruas e templos? Muitos padres queimaram publicamente “Bíblias protestantes” nas praças<sup>31</sup>, mas isso nunca teve apoio explícito e total da sociedade, mas os objetos de culto afro foram presos e poucas pessoas tinham simpatia por eles. Afinal, as Bíblias vinham da Europa ou dos EUA, mas os objetos afro vinham da África – e ainda hoje a origem deles é vista diferente. Esses pentecostais e/ou assembleianos, por mais de que fossem ridicularizados ou perseguidos naquela sociedade, também tinham “ganhos” sociais que seus vizinhos ou parentes de pertencimento afro, e na mesma condição social, não tinham. Assim, eles tinham a utopia de serem “diferentes”, próximos de europeus brancos, letrados e, segundo criam, salvos.

---

<sup>30</sup> Memória é uma construção pessoal, não temos como aprofundar os detalhes históricos dos quais o Vingren fala, mas basta lembrar que Getúlio era chamado “Pai dos Pobres”, assim, sendo, também “pai dos pobres pentecostais”?

<sup>31</sup> Ainda em 1961, ano que eu nasci, meu pai viu isso na cidade de Tianguá-CE.

Um indício claro é a localização dos templos nas capitais: os templos batistas e presbiterianos no RJ e SP<sup>32</sup> estão nas regiões ricas da cidade, mas os templos das ADs (como os cultos afro) estão nas periferias. As denominações protestantes tiveram desde o início seminários teológicos, financiados por suas matrizes europeias ou estadunidenses eram significativamente espaços intelectuais que podiam disputar em paridade com seus similares católicos, algo que os pentecostais e cultos afro não tinham.

Os pentecostais, ou mais especificamente as ADs, não falaram da questão racial nesses anos, mas o evento mais progressista do mundo protestante a *Conferência do Nordeste*, em 1962, com o tema: *Cristo e o processo revolucionário*, tratando sobre economia, arte e conjuntura, também não lembrou na época da questão racial<sup>33</sup>. O Conselho Mundial das Igrejas – CMI percebeu o problema do *apartheid* na África do Sul, e iniciou a campanha da *Década da Superação do Racismo* somente nos anos 70. E poderia se enumerar a omissão também dos partidos políticos, das universidades e demais instâncias sociais. Depois de décadas da Teologia da Libertação, somente recentemente algumas pessoas lembraram que não deram atenção devida à questão das mulheres negras, e James Kone (2020), um ícone da Teologia Negra, em um pós escrito de 1986, em seu livro originalmente publicado em 1970, admite também a questão da mulheres negras não foi sua prioridade. Ou seja, cada época tem suas demandas, não seria um anacronismo exigir das ADs em suas primeiras décadas o debate e atuação nessa pauta, se em 1976, na música “Meu caro, amigo”, Chico Buarque, diz que a “coisa aqui tá preta”, e, em 2004, a Globo ainda produz uma novela com o título de “A Cor do Pecado” e, na atualidade, o Bloco Filhos de Gandhi, ainda exclui as mulheres?<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> O primeiro pastor batista foi consagrado em uma Loja Maçônica, e o Mackenzie recebeu a ilustre visita do Imperador Dom Pedro II.

<sup>33</sup> Devo essa observação à Ras Guimaraes, militante negro, teólogo da Fraternidade Teológica Latinoamericana-FTL.

<sup>34</sup> “Nós respeitamos as minas, mas elas precisam respeitar nossa tradição. Por favor, todas fora do bloco”. Foi essa a reação do *Bloco Filhos de Gandhi*, na Bahia, diante das mulheres no bloco. No caso, 69 anos de tradição machista! <https://www.geledes.org.br/filhos-de-gandhy-pedem-saida-de-mulheres-do->

Mas como nenhuma pessoa ou instituição faz cem anos impunemente, as ADs e demais pentecostalismos na atualidade, não podem mais ser escusadas em suas omissões.

## UMA POPULAÇÃO NEGRA COM UMA ELITE DIRIGENTE BRANCA

Estamos falando das ADs especificamente ou do Brasil? De ambos.

Em um país miscigenado, mas como diz o poeta Emicida, caracterizado por “pele alva, pele alvo”, com três séculos de escravatura e um dos últimos do mundo a abolir oficialmente, temos muitas pessoas negras em destaque, mas quantas delas em posição de poder? Muitos jogadores e artistas negros, mas quantos técnicos, diretores de clubes<sup>35</sup> ou quantos donos de gravadoras ou canais de TV e jornais são negros? Quantas pessoas negras na elite dos três poderes da República? Quantas pessoas já foram, por exemplo, governadores e/ou prefeitos de Estados e cidades de presença majoritária negra, como Salvador<sup>36</sup> e Rio de Janeiro<sup>37</sup>? Muitas pessoas negras em patentes baixas nas Forças

---

bloco-em-respeito-tradicao/.

<sup>35</sup> Não acompanho e, portanto, não conheço suficientes nomes e personagens do mundo esportivo, mas perguntei para alguns amigos, eles me apontaram dois ou três técnicos negros no futebol, mas me asseguraram que não existe nenhum diretor de clube na primeira divisão e ainda na estrutura geral dos demais esportes. Nada muito diferente do mundo da mídia, TV etc. Nos EUA, 80% dos jogadores de basquete são negros, mas apenas 14% dos técnicos. <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/04/negros-cobram-maior-espaco-como-treinadores-no-basquete-dos-eua.shtml>.

<sup>36</sup> A vice-prefeita de Salvador, Celia Sacramento, foi a primeira mulher negra a assumir, na ausência de viagem do prefeito ACM Neto, em janeiro de 2014. Na ditadura, quando não havia eleição para prefeitos das capitais, Edvaldo Brito, um “prefeito biônico”, exerceu o mandato por 10 meses. Foi o primeiro e único prefeito de Salvador em seus quase 500 anos.

<sup>37</sup> Benedita da Silva, até agora a primeira e única governadora negra no RJ, militante de esquerda e pentecostal. Em um texto seminal de Richard Shaull (1999) faz uma análise de sua atuação.

Armadas, mas apenas 11 chegaram ao generalato<sup>38</sup>? Dos 434 bispos católicos, apenas 11 são negros, ou apenas 2,5%<sup>39</sup>.

Da CCB não se pode pedir essa representatividade, pois nasce na colônia italiana, foi uma igreja étnica durante décadas e cresceu no Sudeste. Portanto, apesar de ter alguns anciões negros, são minoria<sup>40</sup>. Então, as ADs, brasileiras e crescidas nas periferias pobres e migrantes urbanos, além dos dois pastores presidentes negros na CGADB, também em Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, homens negros foram presidentes das Convenções Regionais<sup>41</sup>. Então, os pentecostalismos sendo a “religião mais negra do Brasil” (Oliveira, 2004), onde pessoas negras têm acolhimento social, ascensão ministerial, participação ativa e muito protagonismo – e, em termos numéricos, os assembleianos principalmente – estão em melhor posição? Talvez sim, talvez não. Pois, se 11 gerais e 11 bispos católicos, pode ser percentualmente uma vergonha, quantos dos milhares de pastores assembleianos são negros? E, se as mulheres continuam ainda sendo proibidas do exercício pastoral, as negras ainda mais. Ou mais grave, quantos pastores negros pertencem à elite do poder das

---

<sup>38</sup> <https://oglobo.globo.com/brasil/epoca/exercito-teve-apenas-11-gerais-negros-ao-longo-de-sua-historia-25061372>

<sup>39</sup> [https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070409\\_negros\\_igrejavr\\_ac](https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070409_negros_igrejavr_ac)

<sup>40</sup> Como já dito, impossível constatar isso por registro histórico, essa informação me foi dada por uma historiadora membro da CCB. Óbvio que não encontremos nas primeiras décadas lideranças negras na Igreja Luterana, pois, uma igreja étnica alemã luterana, idem nas demais igrejas protestantes, pois, todas têm lideranças europeias ou americanas. Mas, registre-se que a Convenção Batista, em 1935, e a Igreja Presbiteriana Independente, entre 1999-2003, tiveram presidentes negros, Jose de Souza Marques (1894-1974), filho de escravo, e Leontino Farias dos Santos, respectivamente. Paulo Ayres Mattos (2019), negro, eleito bispo metodista em 1977, se declara negro, mas na sua igreja alguém falou: “O bispo é quase branco”!

<sup>41</sup> Em muitos outros Estados também, e na atualidade diversos Ministérios (nota 21), têm pastores presidentes negros. Mas, não custa lembrar: eles não são pastores negros, são pastores assembleianos.

“Dinastias Assembleianas”? (Correa, 2020). Igual ao Brasil, muitos negros na periferia, pouquíssimos no poder.

Como a questão da raça no Brasil é autodeclaração, podemos pensar em algumas pessoas como negras, mas elas identificam como tal? Leonardo Mariano (2019), além dos dois presidentes da CGADB, aponta como negros dois nomes importantíssimos nas ADs: Alcebiades Pereira e Joanyr de Oliveira, mas eles se viam ou eram vistos como negros?<sup>42</sup>. Então, as ADs são como a Bahia e o Rio de Janeiro, população negra majoritária com governadores brancos; igrejas com maioria de pessoas negras com pastores brancos. Como isso já se *naturalizou* para os baianos e cariocas, e brasileiros em geral, por que, esperar algum incômodo dos assembleianos baianos, cariocas e brasileiros em geral?

## CONCLUSÃO

*Nas ADs, todos são irmãos, mas há alguns que são mais irmãos que outros.* Nas primeiras décadas, mesmos os pastores brancos, europeus, eram chamados de irmãos, pois, sim, eram iguais em condição socioeconômica. Atualmente, os pastores presidentes não podem ser chamados de irmãos, pois eles, juntamente com suas famílias, fazem parte das “Dinastias Assembleianas” (Correa, 2020). Como jogadores de futebol, que ao ascenderem socialmente, “embranqueceram”. Famílias abastadas, detentoras de mandatos e poder político, pertencem a outro mundo diferente da maioria da membresia pobre e periférica.

Se, como diz o texto bíblico de Gálatas 3:8: “Não há judeus, nem gregos; escravo ou livre, homem ou mulher, pois, todos vós sois

---

<sup>42</sup> Alcebiades foi defensor e fundador de escolas teológicas, fluente em inglês, foi membro da diretoria e pregador da *Pentecostal World Fellowship*, presidente da CGADB, pastor no RJ e no Amazonas. Conversei com pessoas que conviveram com ele, e todas me disseram: “Ele não era negro, mas moreno”. Joanyr era advogado e exerceu cargos no alto escalão da igreja e do Governo em seu Estado, portanto, uma figura acima da média de escolaridade e classe social assembleiano. Comentei por Whatsapp com o filho dele sobre essa afirmação de que seu pai era negro. Ele me respondeu textualmente: “*Meu pai se via como branco. Era assim que ele era considerado por aqueles com quem convivia*”.

um em Cristo Jesus”, a utopia igualitária se tornou letra morta, tanto nas ADs, como no Brasil e no mundo inteiro. Pois, há, sim, distinções, segregacionismos e desigualdades. E da leitura bíblica libertadora realizada por Agostinho e seus companheiros pernambucanos, ou da idealização de uma igreja formada igualitariamente por negros e brancos e sem distinção gênero de Seymour, os pentecostalismos brasileiros ficaram bem longe. E o pretenso apoliticismo dos italianos e suecos deram espaço para a autonomia das lideranças brasileiras.

Quando em 2020, se espalhou pelo mundo a campanha “vidas negras importam”, o *Mensageiro da Paz*<sup>43</sup>, apresentou uma reportagem de página inteira condenando a violência. O título: “*Radicais exploram a morte de George Floyd*”. Na reportagem, uma foto de policiais jogando gás lacrimogêneo com a seguinte explicação: “movimentos radicais de esquerda (...) perpetraram tumultos violentos (...) levando a mortes e destruição, usando como justificativa o assassinato de Floyd”, e não fala do racismo estrutural e da violência do Estado. Não conseguiram nem mesmo pular do “mito da democracia racial” (Gilberto Freyre) para um “racismo mascarado” (Abdias do Nascimento), negando assim a história dos pentecostalismos em suas origens, e mostrando o quanto desceram no esgoto social, as ADs passaram um século caladas e, quando resolvem falar, perderam a oportunidade de continuar caladas. Se o silêncio era vergonhoso, a manifestação agora é cínica e imoral. No passado, os negros não eram vistos como negros, mas apenas como crentes assembleianos/as. Agora, nem isso.

## REFERÊNCIAS

- Alencar, Gedeon (2020) Experiência Pentecostal: uma experiência subalterna tem legitimidade? In: Aneas, André. *Diálogos sobre a experiência de Deus*. São Paulo (p. 231-246): Editora Recriar.
- Alencar, Gedeon (2018) *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus (1911-2011)*. 2. ed. São Paulo: Editora Recriar.

---

<sup>43</sup> MP, ano 90, número 1622, julho de 2020, página 14. É o jornal oficial das ADs desde 1930.

- Alencar, Gedeon (2017) Reforma Protestante e Pentecostalismos no Brasil: agora são outros Quinhentos? In: Lima, Daniel Barros (Org.). *Reforma Protestante e Pentecostalismos: convergências e divergências* (p. 87-107). Manaus: Editora Unida.
- Alencar, Gedeon; Fajardo, Maxwell P. (2016) Pentecostalismos: uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero? *Revista Estudos da Religião* 30 (2): 95-112.
- Anderson, Alan Heaton.(2019) *Uma introdução ao Pentecostalismo: cristianismo carismático mundial*. São Paulo: Edições Loyola.
- Aneas, André (2020). *Diálogos sobre a experiência de Deus*. São Paulo: Editora Recriar.
- Berger, Peter (1985) *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus.
- Burdick, John (1998). *Encontrando Deus no Brasil: a Igreja católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed Maud.
- Burgess, Stanley; Mcgee, Gary B. (Orgs.) (1990). *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Michigan: Zondervan Publishing House.
- Carvalho, Marcus (2004). “Fácil é serem sujeitos, de quem já foram senhores”: o ABC do Divino Mestre, *Revista Afro-Ásia*, 31: 327-334.
- Chaves, Joao (2020) *O racismo na História Batista Brasileira*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos.
- Cone, James (2020). *O Deus dos Oprimidos*. São Paulo: Editora Recriar.
- Cone, James (2020) *Teologia Negra*. São Paulo: Editora Recriar.
- Correa, Marina (2020) *Dinastias Assembleianas: sucessões familiares nas igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. São Paulo: Editora Recriar.
- Crabtree, Asa Routuh (1962) *História dos Batistas do Brasil até 1906*. Rio de Janeiro: CPB.



- Durkheim, Émile (1983) *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Abril Cultural.
- Espinosa, Gastón (2014). *William J. Seymour and the origins of global pentecostalism: a biography & documentary history*. London: Duke University Press.
- Febvre, Lucien (2012). *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Ed. Três Estrelas.
- Fry, Peter (1975). Duas respostas à aflição: Umbanda e Pentecostalismo, *Debate e Critica*, 6.
- Hill, Christopher (2003). *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Hill, Christopher (1987) *O mundo de ponta-cabeça: Ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Joao, Emiliano Jamba Antônio & Estendar, Julio Macuva (2020). *Teologia Africana em perspectiva: religiosidade, cultura e política*. São Paulo: Editora Recriar.
- Keily, Duncan Alexander (1993). *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE.
- Lima, Daniel Barros (Org.) (2017). *Reforma Protestante e Pentecostalismos: convergências e divergências*. Manaus: Editora Unida.
- Lucas, Kleber (2021). *O Canto Forasteiro. O hinário batista Cantos Cristão e questões de racialidades no Brasil do século XIX e XX*, São Paulo: Editora Recriar.
- Mariano, Leonardo da Conceição (2019). *Alvo mais que a neve? os negros no pentecostalismo e sua relação com a cultura e religiosidade afro-brasileira*. São Paulo: Editora Recriar.
- Mattos, Paulo Ayres (2019). Sobre a luta pelo direito do outro ser diferente. *Numem: Revista de Estudos da Religião* 22 (1): 66-80.

- Mendonça, Antônio Gouvêa & Veslasques, Prócoro (2002). *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.
- Nascimento, Abdias (1978). *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Oliveira, Marcos Davi (2004). *A religião mais negra do Brasil: porque mais de oito milhões de negros são pentecostais*. São Paulo: Editora Mundo Cristão.
- Paiva, Ângela Randolpho (2003). *Católico, Protestante, Cidadão: uma comparação entre o Brasil e o Estados Unidos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Reina, Morgane Laure (2017) Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades de ser negro na igreja evangélica. *Plural: Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP*, 24(2): 253-275.
- Shaul, Richard & Cesar, Waldo (1999). *Pentecostalismo e o futuro das igrejas Cristas: promessas e desafios*. Petrópolis: Vozes.
- Synan, Vinson (2009). *O século do Espírito do Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Editora Vida.
- Terra, Kenner (2020). Racionalidade, experiência e hermenêutica pentecostal. In: Aneas, André. *Diálogos sobre a experiência de Deus* (p. 111-136). São Paulo: Editora Recriar.
- Valério, Samuel (2020). *Uma nova origem do pentecostalismo: a trajetória da Igreja Batista Sueca no Brasil a partir de 1912*. São Paulo: Editora Recriar.
- Weber, Max (2004). *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Weber, Max (1998) *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora da UnB.
- YA, Yaphase. (2021). *History of christianity among the dalits, tribal and adivasi people of India: impact of pentecostalism/charismatic movements among dalit, tribal and adivasi people in India*. Bangalore: The United Theological College, S.d., (no prelo).

Disponível em: [https://www.academia.edu/38739462/HISTORY\\_OF\\_CHRISTIANITY\\_AMONG\\_THE\\_DALITS\\_TRIBAL\\_AND\\_ADIVASI\\_PEOPLE\\_OF\\_INDIA\\_IMPACT\\_OF\\_PENTECOSTALISM\\_CHARISMATIC\\_MOVEMENTS\\_AMONG\\_DALIT\\_TRIBAL\\_AND\\_ADIVASI\\_PEOPLE\\_IN\\_INDIA](https://www.academia.edu/38739462/HISTORY_OF_CHRISTIANITY_AMONG_THE_DALITS_TRIBAL_AND_ADIVASI_PEOPLE_OF_INDIA_IMPACT_OF_PENTECOSTALISM_CHARISMATIC_MOVEMENTS_AMONG_DALIT_TRIBAL_AND_ADIVASI_PEOPLE_IN_INDIA). Acessado em 15 set. 2021.